

RESENHA

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento da reexistência**. Poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.

Maurício Silva¹

Recebido em: 2/4/2012

Aceito para publicação em: 24/5/2012

Entre as muitas inovações que o mundo contemporâneo pôde – para o bem ou para o mal – oferecer à ciência, figuram com singular produtividade os estudos acerca da cultura popular, que cada vez mais adquirem uma até então improvável aura de pesquisa acadêmica. E o estudo – em muitos sentidos exemplar – de Ana Lúcia Souza (*Letramento da reexistência. Poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola, 2011) só vem confirmar essa assertiva.

A autora começa lembrando que o termo *hip-hop* se refere a um “movimento social juvenil urbano enraizado no segmento populacional de baixo poder aquisitivo, a maioria negra e jovem” (p. 15), que ganha força primeiro nos Estados Unidos a partir da década de 1970, espalhando-se em seguida para outras partes do mundo, inclusive o Brasil. Marcado sobretudo pela “reflexão e crítica que faz em relação às desigualdades sociais e raciais” (p. 15), utiliza-se de gestos, escritas, imagens etc., apoiando-se em quatro figuras artísticas: o/a mestre/a de cerimônia (MC), o/a disc-jóquei (DJ), o/a dançarino/a (*b. boy/b. girl*) e o/a grafiteiro/a. Sua face mais expressiva, contudo, encontra-se no *rap*, poesia cantada que nasce da junção do MC e do DJ. Além disso, o *hip-hop* revela-se como um espaço de uso social da linguagem, envolvendo, desse modo, práticas de letramento.

O objetivo do livro, portanto, é estudar como se dão essas práticas de letramento no meio cultural do *hip-hop* e como se configuram as identidades sociais de seus agentes, na periferia de São Paulo, pesquisa feita por meio tanto de *rodas de conversa*

¹ Possui doutorado e pós-doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Nove de Julho. Foi editor científico da revista *Dialogia* (ISSN: 1677-1303), no período de 2009 a 2012.

(questionários, entrevistas coletivas etc.) quanto de escritas autobiográficas e outros modos de apreensão da realidade observada. Apoiando-se nos estudos sobre os letramentos múltiplos e heterogêneos – que atribuem uma perspectiva sociocultural às práticas de letramento –, aliados às contribuições dos estudos culturais e da visão bakhtiniana da linguagem, a autora observa que tais perspectivas se expressam tanto nos meios escolarizados como em processos de espaços de aprendizagem em distintas esferas; além disso, o *hip-hop* recombina, sem hierarquizar, os multiletramentos, reinventando os usos sociais da linguagem. É o que Ana Lúcia Souza chama de *letramentos da reexistência*:

Os letramentos da reexistência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal (p. 36).

A autora lembra que, como resultado de um sistema educacional segregacionista, as práticas de letramento baseadas na oralidade são marginalizadas, em favor do modelo europeu do letramento escrito, o que atinge particularmente as comunidades afrodescendentes, cuja cultura se apoia, em grande parte, na oralidade:

Para ser leitor, dentro de um processo em que a palavra escrita é europeia e responde às teorias racistas vigentes, é preciso embranquecer. As leituras de negros e mestiços, marcadamente influenciadas pela tradição oral desvalorizada, juntamente com seu corpo de descendência africana, não têm lugar, valor algum se comparadas aos valores da leitura e da escrita ensinados na escola, ou fora dela (p. 40).

A autora destaca, portanto, a dimensão educativa do *hip-hop*, comprometido em “recriar, de maneira singular, as práticas culturais e educacionais que marcam o movimento social negro nas diferentes épocas, desde a chegada dos negros africanos no Brasil” (p. 43).

Analisando o *hip-hop* sob a perspectiva do movimento diaspórico e como manifestação urbana cosmopolita, a autora trata das raízes históricas do movimento, associando-o até mesmo à tradição oral dos *griots* africanos, como se pode perceber nas atividades desenvolvidas pelos *rappers*, que procuram – em suas narrativas – tematizar aspectos sociais, políticos e econômicos do cotidiano.

Tendo ganhado dimensão universal nos Estados Unidos das décadas de 1960 e 1970, o movimento *hip-hop* desenvolve-se no Brasil na passagem dos anos 70 aos 80, em meio às reivindicações do movimento negro e da crítica ao racismo. Nos anos 90, explicitam-se as relações do movimento com formas de luta e resistência, relacionadas à cultura e à festividade, mas também se filiando à noção de educação, em sentido amplo, de modo a ocupar espaço de educação formal e não formal. São, em última instância, manifestações explícitas de letramento, na medida em que buscam, por meio da linguagem, apropriar-se de saberes socialmente construídos: “Participar do *hip-hop* tem significado aprender a inserir-se no universo letrado, alterando as imagens neutralizadas sobre as práticas de letramento dos jovens de periferia, dos jovens negros e pobres” (p. 80). Daí também, como se aludiu há pouco, seu vínculo com a educação em geral: “o movimento *hip-hop* pode ser considerado como um espaço de práticas que, sem ser fixo ou suficientemente institucionalizado, engendra possibilidades de usos da linguagem em práticas letradas” (p. 82).

Ana Lúcia Souza analisa, finalmente, as narrativas pessoais dos ativistas da cultura *hip-hop* (para muitos deles, como se verifica em seus relatos, a escola é um espaço de sociabilidade, e o movimento *hip-hop* desempenhou um papel de combate à violência), sua constituição como *agentes de letramento*, sua vinculação com práticas próprias do movimento, que podem ser associadas a práticas de letramento (*fanzine*, *rap*) etc. Para a autora, o *hip-hop* é tomado por esses jovens como um

engajamento significativo que faz emergir questões com a coletividade sustentando as formas de reexistir e o contato com diversas práticas de leitura. Isso possibilitou que as redes criadas se transformassem em fios que, de maneira heterogênea, foram sendo entrelaçados, para dar sentido às suas escolhas e para demarcar identificações e diferenciações com determinados grupos, constituindo suas identidades sociais (p. 99).

Estendendo sua análise, ainda, às manifestações mais específicas do universo abordado, como o *rap*, ou discutindo controvertidos conceitos, como o de *raça negra*, Ana Lúcia Souza oferece-nos um competente painel de algumas possíveis relações entre o *hip-hop* e as práticas educacionais, como o letramento, tornando-se leitura indispensável aos interessados no assunto.